

## LUX JORNAL

O Estado do Paraná - Curitiba - PR

Publicado: 06/ 12 / 2000

190

12

### Xetás terão as terras demarcadas



O presidente da Funai, Glênio da Costa Alvarez, e o governador Jaime Lerner assinam hoje, às 17h, no Palácio Iguazu, em Curitiba, o ato que designa o grupo de trabalho para identificação e delimitação da terra indígena xetá. Estarão presentes alguns dos últimos remanescentes da tribo xetá, líderes indígenas, representantes da Funai, o diretor de Assuntos Fundiários da Funai de Brasília, Paulo Roberto Soares, o secretário da Justiça do Paraná, Pretextato Taborda Neto, e o assessor para Assuntos Indígenas do Paraná, Edívio Battistelli.

O ato é consequência de análises e conclusões elaboradas por um grupo de trabalho formado em outubro do ano passado, constituído pela Assessoria Indígena do governo do Estado, Secretaria Estadual da Cultura, Funai, Conselho Indigenista Missionário (Cimi), líderes dos dois conselhos indígenas do Paraná e representantes dos xetás. Em documento conclusivo enviado à presidência da Funai em abril, o Grupo de Trabalho atestava a viabilidade e desejos consensuais dos xetás para o reagrupamento dos últimos remanescentes da tribo e reivindicava a demarcação de uma terra outrora habitada pelos xetás na Serra dos Dourados, localizada na região de Umuarama. O próximo passo será indicar o tamanho da área e local da futura terra exclusiva dos xetás, o que deve conduzir à demarcação e depois, finalmente, a homologação da terra indígena pela Presidência da República.

Ao que se sabe restam apenas oito xetás, incluindo três mulheres. Há ainda 28 descendentes. A maioria dos oito remanescentes é casada com índios caingangues e guaranis e só dois são casados com não-índios.

Cinco xetás moram em áreas indígenas do Paraná. Os outros estão distribuídos em Umuarama, Nova Tebas e no interior paulista. A média de idade é de 48 anos. O mais velho tem 62 e o mais novo 35 anos. Supondo-se que tenham sido contatados na Serra dos Dourados nos anos sessenta, conclui-se que à época a maioria não chegara aos 10 anos de idade. Apenas quatro xetás conservam a língua materna, ainda pouco conhecida e estudada mas todos manifestaram interesse em aprendê-la. Em entrevistas, concluiu-se que apesar da destruição física da tribo e consequente dispersão de seus componentes, ainda hoje os xetás possuem um sentimento primordial de um povo, de uma forte cultura que unifica o grupo.

"Nada mais justo que a reivindicação de terra para os xetás e isso é o mínimo que se pode fazer já que, praticamente, a etnia xetá, sua cultura e meio de vida jamais virão a ser dimensionados no quadro histórico brasileiro", disse o assessor especial para Assuntos Indígenas do governo do Paraná, Edívio Battistelli. "O reagrupamento e um pedaço de terra permitirão a sobrevivência física e manutenção de

<b>LUX JORNAL</b> <b>O Estado do Paraná - Curitiba - PR</b> Publicado: 06/ 12 / 2000	190		
		12	

parte dos valores culturais desse povo."

### **Tribo**

Os xetás quando viram os primeiros brancos, na década de 50, habitavam a Serra dos Dourados, entre os rios Paraná e Ivaí, no Noroeste do Estado. Era uma tribo existente apenas no Paraná e que vivia ainda no período da pedra lascada.

Primitivos e expostos a uma sociedade desconhecida que adentrava o território em nome do "progresso", os xetás foram atingidos pelo avanço do cultivo do café, expulsos à bala de suas choças por colonos e mateiros, espremidos pelas frentes de expansão e, por fim, extintos através de epidemias contraídas pelo contato com os não-índios. Caçadores e coletores por excelência, não praticavam a agricultura, possuíam grande conhecimento da natureza, do ecossistema e do habitat dos animais e *sempre montavam suas choças onde havia caça e frutos em quantidade*. Nômades, confeccionavam cestos para transporte de cargas, toscas esteiras que usavam como cama e a tecelagem conhecida era sumamente rústica.

Os xetás sobreviventes foram levados a reservas indígenas paranaenses e passaram a conviver com guaranis e caingangues. Algumas crianças - ainda bebês, supõe-se - podem ter sido adotadas por pessoas da região e talvez nunca ficaram sabendo de sua origem.